

JANUSZ KORCZAK: REI MATEUSINHO PRIMEIRO E A REVOLUÇÃO DAS CRIANÇAS: UMA VIDA ANALISADA PELA OBRA

JANUSZ KORCZAK: KING MATT THE FIRST AND THE CHILDREN'S REVOLUTION: A LIFE ANALYZED BY THE WORK

Cecília Szenkowicz Holtman*

Resumo: Poucos educadores conheceram tão a fundo a alma da criança e do adolescente como Janusz Korczak, um polonês de raízes judaicas, médico, pediatra, pedagogo, escritor, autor infantil, publicista, ativista social e oficial do Exército Polaco, que desde muito jovem interessou-se por assuntos relacionados com a educação das crianças. Sua dedicação aos pequenos foi tamanha que com um grupo deles fez a viagem final, em meio ao extermínio da Segunda Guerra Mundial. O romance infantil Rei Mateusinho Primeiro, de Korczak, está recheado de emoções e lições, tanto para as crianças, como para os adultos. Através da análise deste romance que em 2023 comemora o centenário de sua publicação apresentamos a trajetória de vida do Bom Doutor, seus dispositivos pedagógicos e a importância de sua obra na luta pelos Direitos das Crianças.

Palavras-chave: Janusz Korczak. Rei Mateusinho Primeiro. Literatura e cultura judaica.

Abstract: Few educators knew the soul of children and adolescents as deeply as Janusz Korczak, a Polish doctor, pediatrician, pedagogue, writer, children's author, publicist, social activist and officer in the Polish Army, who from a very young age interested him for matters related to the education of children. His dedication to the little ones was such that with a group of them he made the final trip, amidst the extermination of the Second World War. The children's novel King Matt the First, by Korczak, is full of emotions and lessons, both for children and adults. Through the analysis of this novel, which in 2023 commemorates the centenary of its publication, we present the Good Doctor's life trajectory, his pedagogical devices and the importance of his work in the fight for Children's Rights.

Keywords: Janusz Korczak. King Matt the First. Jewish literature and culture.

Vocês dizem:

- Cansa-nos ter de privar com crianças.

Têm razão.

Vocês dizem ainda:

- Cansa-nos, porque precisamos descer ao seu nível de compreensão.

Descer, rebaixar-se, inclinar-se, ficar curvado.

Estão equivocados.

- Não é isto o que nos cansa, e sim, o fato de termos de elevar-nos até alcançar o nível dos sentimentos das crianças.
Elevar-nos, subir, ficar na ponta dos pés, estender a mão.
Para não machucá-las.¹

Impossível falar sobre as crianças e seus direitos sem falar sobre Janusz Korczak. Este judeu polonês, sonhador, escritor, poeta, herói e mártir dedicou sua vida em prol dos pequenos.

Sua trajetória de vida exprime tudo pelo que lutou: a busca pelo respeito, a dedicação e o amor aos infantes, até as últimas consequências.

Autor de inúmeras obras, desde artigos, peças satíricas e humorísticas, livros e tratados sobre a criança, igualmente escreveu diversos contos e histórias juvenis que encantaram e encantam adultos e crianças. Com carinho e cuidado, soube colocar suas ideias de uma educação democrática, dos direitos dos infantes e traduzir, para uma linguagem simples e acessível às crianças, acontecimentos políticos e sociais promovendo, assim, a cidadania, dando-lhes voz e também, protagonismo.

Conhecendo sua história, entende-se sua literatura e vice-versa. Korczak, como judeu, conheceu desde cedo o preconceito, e isto transpareceu em seus escritos. Ao conhecer os dispositivos pedagógicos que aplicou no orfanato percebe-se como ele estava na vanguarda dos direitos da criança, defendendo uma educação para a formação de um adulto cidadão, ativo e participante. Ao analisar a obra *Rei Mateusinho Primeiro*², cuja primeira publicação se deu em 1923 percebe-se como o autor conhecia a alma, as sensações e as necessidades das crianças, trazendo, através da história do reizinho órfão, lições de amor, paciência, disciplina, alteridade e respeito, sem deixar de contemplar a aventura.

Mateusinho é a representação de Korczak. E como tal, torna-se forte, sem perder o sonho de um mundo diferente, melhor para as crianças.

Então quando eu era tal como nesta fotografia, queria fazer tudo isto que aqui está escrito. Depois esqueci, e agora estou velho. E não tenho tempo nem forças, para conduzir guerras e visitar antropófagos. E juntei esta fotografia, pois é importante, quando, realmente, eu queria tornar-me rei, e não quando escrevo sobre o Rei Mateusinho. Eu penso que é melhor publicar as fotografias dos reis, exploradores e escritores, quando ainda não eram adultos e velhos, pois assim tem-se a impressão, de que eles desde então, foram sábios

* Especialista em Antropologia Cultural e Social. Historiadora Registro Profissional nº 0284/PR. São José dos Pinhais, Paraná, Brasil.
E-mail: <cicavhcz@gmail.com>.

¹ KORCZAK, 1981, p. 11.

² Título em polonês: *Król Maciuś Pierwszy*.

e nunca foram pequenos. E as crianças pensam que não podem vir a ser ministros, exploradores e escritores, o que não constitui uma verdade.³

Sua vida foi abruptamente encerrada em 1942, no auge da Segunda Guerra Mundial, porém, seu ideal permanece mais atual do que nunca, uma vez que ainda hoje se travam tantas lutas para dar visibilidade às minorias, cercadas de preconceitos relacionados à religião, cor, credo ou gênero.

Sua breve existência e sua vasta obra não passou despercebida. Como no bater de asas de uma borboleta⁴, suas palavras e ações desencadearam (e ainda desencadeiam) reações, movimentos, monumentos, encontros, associações e homenagens pelo mundo que garantem a transmissão de seu legado.

1. Do pequeno Henryk ao Doutor Janusz Korczak

Em julho de 1878 nascia, em Varsóvia, na Polônia, o menino Henryk Goldszmit, filho de Cecylia Gębicka e do advogado Józef Goldszmit. Era descendente de uma das poucas famílias judaicas assimiladas, estudiosos e ativistas do pensamento iluminista e que buscavam integrar sua comunidade à sociedade polonesa.

O jovem Henryk recebeu boa educação na infância, mas viveu cercado de adultos. Sua mãe preocupava-se com o preconceito que os cercava por ser de família judia, por isso não o deixava brincar com outras crianças na rua. Ainda pequeno e tendo sua avó como fiel depositária de suas ideias, confidenciou-lhe seu plano de reformar o mundo. Nesta época, já sabia o que queria, mas não sabia como alcançar seus objetivos.

Com o avanço da doença mental e posterior morte de seu pai, Henryk começou a colaborar com o orçamento familiar, dando aulas particulares. Seu amor pelos livros e sua facilidade em conviver com as crianças o levaram a entrar na Faculdade de Medicina de Varsóvia, formando-se em pediatria. É lá que ele passa a ser conhecido por Janusz Korczak⁵, pseudônimo que escolheu quando participou de um concurso literário.

³ KORCZAK, 1971, p. 07.

⁴ A Borboleta é um tema recorrente nas obras e homenagens à Janusz Korczak, assim como Rei Mateusinho. Um de seus primeiros romances infantis recebeu o nome de “Confissões de uma Borboleta”. Alguns acampamentos de verão para crianças, na Polônia são preparados segundo os princípios do Dr. Korczak e por isso são conhecidos como “Korczakowo”. Neles, entre as canções executadas pelos integrantes, uma se intitula “o voo da borboleta”, em polonês: “Loty Motyli” e que trata, também, da história de Rei Mateusinho.

⁵ Segundo Sarue (2011, p.28-29), a escolha deste pseudônimo foi proposital: primeiro porque foi o nome que encontrou em um livro que ganhou de seu tio; segundo, porque assim manteria o anonimato da família de origem judaica; e, terceiro, garantindo um nome polonês ele evitaria a discriminação à qual estavam sujeitos os judeus,

Entre os dezoito e os vinte e sete anos contribuiu com centenas de artigos e folhetins publicados em diversos jornais poloneses e judaicos. Um de seus primeiros textos foi seu diário que escreveu em sua juventude, após a morte de seu pai e que foi publicado posteriormente, em 1914 com o título de “Confissões de uma Borboleta”.

Ainda na faculdade de medicina, se envolveu com os problemas das crianças de rua, reforçando seu interesse pela causa dos pequenos. Ao participar de trabalhos voluntários, pode adquirir um rico material de observação sobre as crianças.

Mesmo sendo convocado pelo Exército Imperial Russo para servir na Guerra russo-japonesa (1904-1905) seus artigos continuaram sendo produzidos e publicados, alcançando o reconhecimento do público.

Seu desejo de ajudar as crianças pobres o levou a participar como voluntário em colônias de férias infantis, onde pode ampliar suas observações sobre o comportamento infantil, tanto em questões de saúde como de relacionamentos, anseios, desejos e medos. Destas observações foram produzidos ensaios que resultaram nas obras “*Moski, Joski, Srule*” publicada em 1910 e “*Júzki, Jaški i Franki*” publicada em 1911, consideradas a estreia de Korczak como escritor de literatura infantil.

Entre tantas obras de sua vasta produção, merecem destaque os livros: “Como amar uma criança”, publicado em 1920⁶, “Rei Mateusinho Primeiro”, publicado pela primeira vez em 1923 e “Quando eu voltar a ser criança”, publicado originalmente em 1925⁷.

Em 1910, com a ajuda do casal Eliasberg e da educadora Stefania Wilczynska - que seria sua grande colaboradora até o final de sua vida em 1942 - um novo projeto mudou os rumos profissionais de Korczak: a construção do orfanato *Dom Seriot*⁸.

Quando inaugurado, em 1912, o Lar das Crianças (*Dom Seriot*) chegou a abrigar 150 crianças entre 7 e 14 anos de idade. O orfanato localizava-se na rua *Krochmalna*, nº 92, numa vizinhança que durante séculos abrigava judeus e poloneses.⁹

bem como poderia ligar-se a um passado heroico como o de qualquer polonês, uma vez que no livro onde encontrou o nome, este era um herói órfão, corajoso e de origem nobre.

⁶ Segundo Marangon (2007, p.107), a primeira parte desta obra – A criança na sua família – foi originalmente publicada em 1919 e acrescentada de mais informações, recebendo o título de Como amar uma criança cuja publicação se deu em 1920.

⁷ Além destas obras, traduzidas para o português pode-se ainda destacar os títulos: A sós com Deus e Diário do Gueto.

⁸ Também conhecido como Lar das Crianças ou República das Crianças.

⁹ SARUE, 2011, p.35.

Ali pode colocar em prática suas ideias influenciadas por pensadores e pedagogos como Rousseau, Dewey, Decroly, Montessori, Pestalozzi, Spencer e Froebel desenvolvendo um modelo próprio e inovador:

(...) no qual as próprias crianças eram responsáveis por atividades que envolviam a administração e convivência social, o que favorecia a autonomia de pensamento e de sentimentos e a iniciativa na tomada de decisões.¹⁰

Korczak foi convidado a organizar e dirigir, com a ajuda de Maryna Falska outro orfanato destinado à crianças católicas, chamado *Nasz Dom*¹¹ que funcionaria nos mesmos moldes do orfanato judeu. Neles, a convivência democrática era estabelecida por atividades e regras que envolviam todos os moradores, sejam crianças, tutores ou trabalhadores: quadro de avisos, caixa de cartas, vitrine dos objetos achados, divisão do trabalho, comitê de tutela, reuniões-debate, jornal e tribunal de arbitragem.

Segundo o censo de 1921, 10,4% do total da população polonesa era de origem judaica e, em primeiro de setembro de 1939, quando o exército alemão invade as fronteiras da Polônia dando início à Segunda Guerra Mundial, “a maior comunidade judaica da Europa caiu nas mãos dos nazistas”¹².

Em 1940 o governo alemão cria o gueto de Varsóvia e para lá se aglutinam mais de trezentos e cinquenta mil judeus, entre eles Korczak, os funcionários e as crianças do orfanato *Dom Seriot*.

Mesmo diante das dificuldades, o orfanato manteve sua rotina, como se pode observar nesta passagem de seu Diário:

O dia começou com a pesagem. Em maio a baixa tem sido considerável. Os meses precedentes não foram maus. Maio, aliás, não era catastrófico, mas há ainda pelo menos dois longos meses de dureza. Isto é certo. As restrições oficiais, o modo como elas serão aplicadas e o excesso de população agravarão ainda mais a situação.¹³

E, apesar de vários convites, por conta de seu renome internacional, Korczak não abandonou suas crianças. Em quatro de agosto de 1942, sentindo o cansaço abater-lhe diante de tão difícil situação, relatou, pela última vez em seu diário:

¹⁰ Ibid, p.37.

¹¹ Tradução: Nosso Lar

¹² BORGER, 2002, p.627 *apud* SARUE, 2011, p.46.

¹³ KORCZAK, 1986, p. 50.

Reguei as flores. Pobres plantas do Orfanato! Plantas de um orfanato judeu.
A terra queimada pelo sol respirou.
A sentinela em serviço observou o meu trabalho. Será que ficou irritado de me
ver zanzar nesta ocupação pacífica desde as seis da manhã?
Estava em pé com as pernas abertas e me olhava.¹⁴

Nos dias seguintes ao último registro, juntamente com Stefania, outros educadores e mais
duzentas crianças que estavam sob sua responsabilidade fizeram a sua última viagem, para o
Campo de Extermínio em Treblinka. Sobre seu último percurso, relata Władysław Szlengel
(1912-1943) – o poeta do Gueto de Varsóvia, em “Uma página do diário da ação”:

10 de agosto
Hoje vi Janusz Korczak com as crianças,
Sua última marcha, andando.
As crianças – em fileiras, limpinhas
Parecia que estavam passeando.

Com as roupas em ordem, novinhas,
Hoje, pela última vez usadas,
Ia a Casa de Órfãos pela cidade –
A floresta de pessoas caçadas.

A cidade tinha o rosto apavorado,
A forma rara: nua e despojada.
As janelas olhavam para a rua,
Como órbitas de olhos vazadas.

Um grito como um pássaro perdido,
Era um dobre da morte sem razão,
Apáticos, andavam em riquixás,
Os senhores da situação.

As corridas, os chiados e o silêncio,
Alguém teve uma furtiva conversa,
Abismada a igreja de Leszno,
Em muda reza estava imersa.

Em fileiras de cinco, as crianças –
Calmas, ninguém as tentava tirar,
Eram órfãs, ninguém tentou o suborno
Nas mãos dos fardados enfiar.

Ninguém na orelha de Szmerling arfava,
Não havia na praça intervenção,
Ninguém na família juntava
Os relógios para o bêbado Letão.

Janusz Korczak ia na frente altivo,
Sem chapéu e sem medo nos olhos,

¹⁴ Ibid, p. 129.

Dois pequenos carregava nos braços
No seu bolso se agarrava um pimpolho.

Veio correndo alguém com um papel,
Explicava e berrava à beça,
- Doutor pode voltar... Brandt deixou
Korczak mudo, meneou a cabeça

Nem tentou explicar muita coisa,
Pros que vieram com perdão alemão
Como pôr nas cabeças desalmadas
Que criança só não se deixa não...

Tantos anos no caminho teimoso,
Para a criança nas mãos o sol dar,
Como agora deixar amedrontadas,
Vai com elas... até o fim... continuar...

Depois pensou no Rei Mateusinho,
Que a sorte lhe poupou esta aventura,
Mateusinho não seria diferente,
Na ilha das selvagens criaturas.

E as crianças caminhavam aos vagões,
Como para a excursão em Lag ba omer,
O pequeno com a cara ousada,
Se sentiu hoje como o Hashomer.

Pensei então, naquela hora tão comum,
Que para a Europa de nada valia,
Que para nós na história este homem,
A página mais linda inscrevia.

Nesta guerra judia, desonrada,
De desamparo e infinita humilhação,
Nesta luta de sobreviver por tudo,
No abismo de suborno e traição,

Neste front onde a morte não traz honra,
Nesta dança de noturno terror,
Era o único soldado orgulhoso –
Janusz Korczak, dos órfãos o protetor.

Estão ouvindo vizinhos trás o muro,
Que assistem pelas grades ao nosso abate?
Janusz Korczak morreu para termos
Nós também nosso Westerplatte.¹⁵

2. Os dispositivos pedagógicos do Doutor Korczak:

¹⁵ SZLENGEL, 2018, p. 74-77.

Ainda que seu trabalho tivesse a influência de grandes pensadores pedagógicos, Korczak não seguia modelos ou mesmo escreveu algum tratado pedagógico. Seus relatos são baseados nas suas experiências, na sua observação e na consciência de que a educação é um processo coletivo.

A defesa que fazia da autogestão pedagógica era, na prática, a defesa de uma educação que preparava para a autogestão social. Korczak era um homem preocupado com a questão social.¹⁶

Em seu trabalho no Lar *Dom Seriot*, Korczak pôde pôr em prática muitas ideias que lhe foram surgindo ao longo dos anos, trabalhando perto e em prol das crianças. Como explica Tezzari¹⁷, ele fez um movimento:

De aposta no sujeito-criança-aluno como capaz de assumir responsabilidades, de refletir sobre seus atos e os consequentes efeitos para a vida daquele coletivo, de se tornar autônomo por meio da vivência de uma realidade onde o papel de cada um é fundamental para o todo.

Ao combater a “ditadura do adulto”¹⁸, ele buscava uma forma de trabalhar com as crianças promovendo-as como seres humanos plenos, respeitando suas necessidades, ao mesmo tempo em que estabelecia e demonstrava os limites para uma boa convivência, como pontua Marangon¹⁹: “Amar não significa, para Janusz Korczak, ceder sempre, aceitar, mimar. Amar é educar, formar adequadamente para a vida em sociedade, impor limites, dizer não, construir regras.”

Aplicados no Lar das Crianças desde seu início em 1912 e descritos em seu livro “Como Amar uma Criança”, os dispositivos pedagógicos permanecem como estratégias extremamente atuais e de grande valia na construção e apropriação da cidadania, como pode-se perceber a seguir:

2.1 O quadro:

Utilizado para fixar as mais diversas informações, era um meio de comunicação eficiente entre todos. Uma forma de responder aos diversos questionamentos de forma rápida:

Mesmo que elas não soubessem ler, eu dependuraria o quadro: não têm necessidade de conhecer o alfabeto para aprender a reconhecer rapidamente

¹⁶ GADOTTI, 1998, p.05.

¹⁷ TEZZARI, 2012, p. 10.

¹⁸ Ibid, p. 05.

¹⁹ MARANGON, 2007, p. 167.

seus nomes, e o sentimento de dependência em relação às outras crianças que sabem ler lhes dará o desejo de aprender. (...) O quadro dava possibilidades de iniciativas quase ilimitadas para o educador e as crianças. Mas era também um divertimento. (...) Podia afixar tudo (...). Parecia um almanaque ou a vitrina de uma loja.²⁰

2.2 A caixa de cartas:

Segundo o próprio educador, com a caixa de cartas as crianças aprendiam a:

1. Esperar por uma resposta em vez de exigirem-na imediatamente, seja qual for o momento;
2. Saber separar as coisas: distinguir entre os seus desejos, sofrimentos, dúvidas, o que é ou não é importante. Escrever uma carta pressupõe uma decisão anterior (aliás, não é raro que a criança queira retirar a carta que tinha colocado na caixa);
3. Pensar, refletir sobre uma ação, uma decisão;
4. Ter vontade: é preciso querer para saber.²¹

Tezzari²² explica seu funcionamento:

Ele estabeleceu com as crianças que elas poderiam lhe perguntar o que quisessem; elas tinham o direito de expressar sua opinião; tinham o direito de insultar um ou outro e, até, de se bater, mas com a condição de escrever primeiro.

2.3 A estante:

Funcionaria como complemento do quadro de avisos. Uma pequena biblioteca onde estariam disponíveis dicionários, mapas e enciclopédias, além de um lugar para os cadernos das crianças, os relatórios, jornais e diários dos educadores²³.

2.4 A vitrina dos objetos achados:

Considerando que o menor objeto “deve ter um dono”²⁴, tudo o que fosse encontrado pelo Lar era depositado na vitrina respeitando assim o valor sentimental dado pelas crianças aos seus pequenos tesouros.

²⁰ KORCZAK, 1983, p. 292-293.

²¹ Ibid, p. 294.

²² TEZZARI, 2012, p. 05.

²³ KORCZAK, 1983, p.295-296.

²⁴ Ibid, p.298.

2.5 A vassoura-escova:

Ao colocar os utensílios de trabalho manual em evidência e dividindo as tarefas entre todos os moradores do Lar (sejam professores, demais funcionários e crianças) ensinava-se às crianças o valor e a nobreza do trabalho, partindo do princípio de que:

(...) uma mesa bem limpa tem o mesmo valor que uma página de caderno escrita com cuidado, se fazemos questão de dar ao trabalho doméstico um caráter educativo e não aquele de uma mão-de-obra explorada, porque gratuita.²⁵

2.6 O comitê de tutela:

Nas palavras de Tezzari²⁶, o Comitê funcionava da seguinte forma:

Um morador mais velho ficava responsável pela tutela (tutoria) de um mais novo. Existia um diário e a dupla se correspondia por meio dele. Assim, os mais novos escreviam aos mais velhos suas dúvidas, receios, pediam conselhos. Os mais velhos deveriam responder-lhes imediatamente após receberem o diário.

2.7 As reuniões-debate:

Todos os assuntos referentes à vida no Orfanato ou às pessoas que ali moravam (professores, funcionários e crianças) poderiam ser resolvidos nas sessões de debate.

Um bom entendimento com as crianças não é uma coisa gratuita, é algo que se consegue com esforço. A criança deve saber que pode se expressar com franqueza, que o que dirá numa dessas reuniões não irá deixar o educador zangado e nem impedirá que continue seu amigo. (...) o clima deve ser de dignidade e confiança. (...) outra recomendação: é preciso ensinar às crianças como se faz um debate, isto é, o seu lado técnico.²⁷

2.8 O jornal:

Tudo o que era considerado relevante tanto por parte dos funcionários como por parte das crianças era publicado em forma de jornal e lido nas reuniões como elemento de ligação entre as semanas.

O educador que deseja realmente compreender a criança precisa controlar sua própria conduta, e o jornal se torna um perfeito regulador das palavras e atos, porque é uma crônica viva dos erros que comete e dos esforços que faz para se corrigir. O jornal pode ajudá-lo também a se defender contra eventuais detratores, porque é tanto uma prova de suas capacidades quanto testemunho

²⁵ Ibid, p.299.

²⁶ TEZZARI, 2012, p.06.

²⁷ KORCZAK, 1983, p.305-306.

de suas atividades. Tudo isso faz dele um documento científico de grande valor.²⁸

2.9 O tribunal de arbitragem:

Segundo o próprio Korczak:

Vejo nele o primeiro passo para a emancipação da criança, a elaboração e proclamação de uma Declaração dos Direitos da Criança. Ela tem o direito de exigir que seus problemas sejam tratados com imparcialidade e seriedade.²⁹

A ideia central não era castigar, mas fazer com que o acusado refletisse sobre seus atos, dando a oportunidade de avaliar e rever suas atitudes, melhorando enquanto ser humano.

2.10 O Conselho Jurídico:

Korczak explica que o Conselho Jurídico é:

Representado pelo educador e dois juízes eleitos pelo voto secreto, cuja permanência será de três meses. Além dos julgamentos, o Conselho está encarregado de elaborar leis que são obrigatórias para todos. Como não é impossível que os juízes integrantes do Conselho sejam um dia réus, há dois suplentes adjuntos; cada um destes, pode, se for preciso, substituir um dos três juízes titulares.³⁰

Era o Parlamento quem aprovava ou rejeitava as leis propostas pelo Conselho Jurídico. Entre as propostas encaminhadas pelo Conselho Jurídico e que foram aprovadas estão o estabelecimento do calendário e a distribuição de cartões de lembrança, dados como prêmio de bom comportamento em geral.

Um cartão não é uma recompensa, mas uma recordação; algumas crianças o perderão no caminho da vida, outras o guardarão para sempre.³¹

2.11 Outros dispositivos:

Destacam-se ainda o Plebiscito onde se tomavam decisões relativas ao interesse coletivo e as caixas de poupança e empréstimo. Todos coordenados pelas próprias crianças do orfanato.

²⁸ Ibid, p. 307.

²⁹ Ibid, p. 307.

³⁰ KORCZAK, 1983, p. 309.

³¹ Ibid, p. 355.

O propósito destes dispositivos é, sem dúvida, a valorização da autonomia infantil. Ao se praticar a autogestão as crianças estavam exercitando também ideias de sentido de cidadania, responsabilidade, de justiça e respeito à vida coletiva.

O que me impressiona em Korczak é que encontro nele aquela simplicidade, compromisso e coerência que, acima de qualquer categoria lógica, definem um educador. Ele não precisou estruturar previamente nenhuma teoria abstrata para se dirigir à criança. Não se encontrava com elas com esquemas prontos para moldá-las segundo algum modelo. Ao contrário, ao resgatar-lhes primeiro a identidade, aprendia a ser gente com elas. Numa época de fascínio pelo positivismo científico e pela uniformização da educação ele chamava a atenção para o respeito, o amor, a fala, o prazer, a autogestão pedagógica, a espontaneidade que fazem o cotidiano da educação.³²

3. E como não gostar de Mateusinho?

Para dizer a verdade, todos gostavam de Mateusinho. Os adultos lamentavam-no que tão pequeno perdesse o pai e a mãe. Os garotos alegravam-se, porque se achou, entre eles ao menos um, a quem todos deviam obedecer, diante do qual até os generais cumpriam ficar atentos, e os soldados adultos tinham que apresentar armas. Às garotas, agradava esse pequeno rei, montado em cavalo gracioso. E mais do que todos amavam-no os órfãos.³³

Rei Mateusinho Primeiro, obra que completa cem anos de sua primeira publicação em 2023, alcançou os mais diferentes países, ganhando inúmeras traduções, inclusive em português³⁴. O livro foi descrito como tão popular na Polônia como o foi Peter Pan nos países de língua inglesa. Com rico vocabulário, seu enredo é interessante e repleto de detalhes sobre a corte e seus costumes, as obrigações de um rei, sobre a guerra e sobre outros povos que os europeus consideravam, à época, selvagens.

Janusz Korczak frequentemente empregava a forma de conto de fadas para preparar seus jovens leitores para os dilemas e dificuldades da vida adulta e a necessidade de tomar decisões responsáveis.

Em 1923, ano da publicação de Rei Mateusinho, o Lar das Crianças já era uma realidade e os dispositivos pedagógicos implementados por Korczak produziam frutos. Nesse período, também, encontramos um doutor com vasto conhecimento médico, pedagógico, político e militar.

³² GADOTTI, 1998, p.07.

³³ KORCZAK, 1971, p.13.

³⁴ A edição brasileira foi publicada em 1971.

É também no início da década de 1920 que acontece o falecimento de sua mãe, infectada por tifo quando ele recuperava-se da doença na casa dela. Talvez o próprio motivo de escolher um pequeno rei órfão como protagonista seja a forma que Korczak utilizou para se auto representar: órfão de pai e mãe sentia-se tão sozinho e desamparado como os pequenos que eram direcionados ao seu orfanato. Em *Rei Mateusinho* é possível vislumbrar o próprio autor em muitos momentos:

Korczak, no decorrer da obra, descreve e pontua através dos pensamentos e ações do menino, a integridade moral, o respeito, a ordem, a responsabilidade, a justiça e o amor que lutou para ver se concretizar em sua própria vida, com sua luta diária e constante pelo direito das crianças ao respeito, à integridade física e psíquica, ao carinho e à liberdade.³⁵

O isolamento da infância de Korczak, tendo a companhia de adultos e sendo-lhe negada a oportunidade de brincar com as outras crianças na rua afinal, “sua mãe não considerava esse comportamento adequado para crianças educadas e de bons modos”³⁶, pode ser comparado à rotina imposta ao *Rei Mateusinho*, que via das janelas do palácio as crianças divertindo-se nas ruas enquanto ele deveria brincar sozinho ou estar sempre na companhia de adultos e ouvindo sobre assuntos dos quais não entendia.

Outra questão importante para Janusz Korczak era explicar às crianças sobre o que aconteceu e acontecia na Polônia sem, no entanto, utilizar-se de termos “técnicos”. Era dar-lhes o direito à Cidadania ao entender sobre os assuntos políticos e o futuro do país onde viviam. Assim, pela narrativa de três reinos que declaram guerra ao país de *Mateusinho* em um momento de fragilidade após a morte do monarca e a coroação de uma criança, o Bom Doutor consegue traçar similaridades com o que aconteceu com a Polônia, ao ser invadida e dominada por três potências estrangeiras, quando de seu momento de fragilidade política. Este assunto ainda era muito recente, pois após cento e vinte e três anos de dominação estrangeira, o Estado Polonês havia reconquistado sua independência somente ao final da Primeira Guerra Mundial em 1918 para, em seguida, sofrer o ataque das forças socialistas³⁷.

Ao mostrar a rotina a que o pequeno monarca era submetido, Korczak explicava sobre as regras de etiqueta e, até mesmo, tecia sua opinião sobre as inúmeras obrigações que os adultos impunham a si próprios.

³⁵ MARANGON, 2007, p. 140.

³⁶ SARUE, 2011, p. 25.

³⁷ Guerra polono-russa 1919-1921.

Quando mostra as atitudes dos ministros em relação ao jovem rei o autor demonstra como os adultos tratam as crianças, não acreditando que os pequenos podem inteirar-se dos assuntos políticos, esperando que ele torne-se adulto para, então, reger o país com sabedoria.

No entanto, assim como Korczak não se calou em relação às crianças, o obstinado Mateusinho dedica-se a aprender a ler e escrever, para assim comunicar-se com outras crianças, em especial com o jovem Felix e, ao mesmo tempo, informar-se de como estava o seu país, uma vez que os ministros não apresentavam as verdadeiras informações.

Tendo tomado conhecimento que os reis vizinhos lhe declararam guerra, Mateusinho sente o peso da responsabilidade sobre seus ombros, pois vinha de uma linhagem de reis que eram reconhecidos por sua bravura. Porém, os ministros não lhe participam dos tratados, imaginando que estes assuntos não devem ser de preocupação de uma criança. Desse modo, com a ajuda do amigo Felix, Mateusinho decide fugir do palácio e ir aos campos de batalha para lutar pelo seu povo, tal como fez Korczak inúmeras vezes pelos direitos das crianças ou quando participou de diferentes conflitos bélicos defendendo seu país.

Por sua participação nos campos de batalha ele pôde conhecer bem essa realidade e a realidade das comunidades atingidas pela guerra. Suas descrições sobre a organização dos campos e as batalhas, bem como as estratégias a serem traçadas pelos comandantes dos exércitos traduzem a realidade destes espaços de conflito, apresentando às crianças o que acontece durante uma guerra.

É durante sua estadia no front que Janusz Korczak escreve “Como amar uma criança”. É durante sua participação na frente de batalha, sentado nas trincheiras, que Mateusinho aprende, junto com o tenente, a geografia, a história e a arte da guerra. Durante o tempo que passou junto ao exército o jovem rei conheceu a dura realidade das pessoas mais pobres de seu país, especialmente das crianças.

No decorrer da narrativa pode-se perceber o amadurecimento de Mateusinho. Mesmo estando no front disfarçado, todos estavam admirados com a coragem de tão jovem soldado. Não imaginavam que sua dedicação era por sua responsabilidade real para que as tropas vencessem. Quando finalmente foi descoberta sua identidade, muito mais se admiravam por sua coragem e devoção na busca pela vitória.

Compreendendo sua posição de vencedor do conflito, o jovem rei toma uma atitude inesperada e autoritária: acredita que tem condições plenas de tratar dos assuntos do país da forma como aprendeu durante a guerra:

- Talvez pensassem, que de volta da guerra eu fosse sentar-me com o professor estrangeiro para as aulas? E eles vão fazer o que entendem?... Ao trovão, enganam-se muito...³⁸

Porém, descobre aos poucos que seu país está em ruínas por conta do conflito e sua atitude de não pedir a contribuição aos perdedores o coloca numa situação econômica grave. E que, sozinho, sem a ajuda dos adultos, não conseguirá manter a ordem. Mas, pensa também em como as crianças de seu país nunca são ouvidas. Assim, toma uma decisão que comunica aos ministros:

- Vocês vão se ocupar com os adultos, e eu vou ser o rei das crianças. (...) E sozinho, como rei, posso fazer o que quiser. O resto que fique como dantes. Eu sou sozinho e sei o que é preciso para as crianças.³⁹

O jovem rei pede para ser conhecido, então, como Rei Mateusinho-Reformador. Na época da última partilha da Polônia, o último rei era o rei-reformador Stanislaw August Poniatowski, que, entre outros atos, fundou o primeiro jornal da Polônia, o Monitor. E aos poucos ele vai entendendo que governar um país não é uma atividade para pessoas fracas ou sem coragem e que sua responsabilidade como rei é muito maior do que seus desejos infantis.

Korczak descreve as atitudes de Mateusinho, suas dúvidas e hesitações, seus desejos e a imensa disputa interna que sofria seu personagem: um menino-rei; gostos infantis: correr, brincar, saltar, ter amigos e toda a responsabilidade digna à majestade do país: a disciplina rígida, a etiqueta real, os horários cronometrados até em segundos, as reuniões, as aulas, as decisões, a leitura das milhares de cartas de seu povo etc. A criança ia desaparecendo.⁴⁰

Os melhores amigos adultos de Mateusinho foram o médico e o tenente que lhe ensinou durante o período que estava na guerra e que, depois nomeado capitão, passou a ser seu professor no palácio. Korczak era médico pediatra e atuou em várias frentes de batalhas conhecendo bem ambos os espaços. Nessas figuras o autor se fez presente para aconselhar o reizinho.

Quando o jovem rei viaja aos reinos dos três reis vizinhos para negociar um empréstimo, percebe novas realidades, assim como fez o Bom Doutor ao viajar para a França, Israel, Inglaterra ou Alemanha.

³⁸ KORCZAK, 1971, p. 60.

³⁹ Ibid, p. 65-66.

⁴⁰ MARANGON, 2007, p.134.

E, além de conhecer as realidades de outros países, pode conhecer um pouco mais sobre seu próprio país e sobre como viviam as crianças. Precisava, então, voltar e iniciar as reformas:

1. Que se construíssem em todos os bosques, nas montanhas e à beira-mar muitas casas, para que as crianças pobres saíssem para o campo durante o verão.
2. Que em todas as escolas houvessem balanços e carrossel com música.
3. Que na capital se instalasse um grande jardim zoológico, onde fossem alojados em jaulas os animais selvagens: leões, ursos, elefantes, macacos, serpentes e aves.⁴¹

Percebe, mais uma vez, que seus desejos para com as crianças deveriam esperar, pois, o empréstimo não seria suficiente. Entretanto, enquanto articulava com seus ministros para criar um parlamento, tal como o fizera o Rei Triste e assim garantir um novo empréstimo deste, lhe aparece o convite para uma visita ao Rei antropófago Bum Drum. A oferta de ajuda de Bum Drum resolveria seu problema financeiro e conseguiria concluir suas reformas que priorizavam a qualidade de vida infantil, então o reizinho parte para uma nova aventura. Nesta passagem, Korczak apresenta as relações diplomáticas e as questões político-financeiras que necessitam ser administradas pelos representantes de cada país.

A amizade travada entre o Rei Bum Drum e Mateusinho causa inveja entre os outros reis que nunca tiveram a coragem de tamanha façanha! Mas, principalmente, a inveja recaiu sobre o tesouro que Bum Drum deu ao jovem rei. O reizinho entende, assim, que a política nem sempre é justa e nobre, pois, nem mesmo ao dividir seus novos amigos com os reis próximos, como quando recebe a todos em seu país e faz acordos para que os reis amarelos sejam amigos de outros reis e com eles possam travar comércio, consegue agradar a todos os adultos.

Aqui cabe recordar que no período em que a obra foi escrita as teorias darwinistas sobre a seleção natural para separar povos entre aptos e não aptos para a civilidade, bem como os pensamentos eurocentristas tinham toda a força. Por isso o receio dos adultos a respeito do rei antropófago, a surpresa e estranhamento dos costumes dos reis amarelos, entre outros. Para Mateusinho também foi complicado pois, ao se aproximar dos povos africanos ele poderia ser considerado tão “incivilizado” quanto eles.

No entanto, Mateuzinho recebeu mais ajuda de pessoas distantes e diferentes do que de seu próprio país. Da mesma forma, Korczak, mesmo vindo de família judia assimilada, sentia o peso da comunidade antissemita que o cercava. Por mais que buscasse se aproximar ou cercar-se de pessoas que exerciam a alteridade, sempre encontrou o olhar de estranhamento nas

⁴¹ KORCZAK, 1971, p. 82.

sociedades por onde passou. E isso desde sua infância! Era preciso mostrar às crianças que não é necessário ter medo do outro, mas sim, o respeito.

Quando a pequena Klu-Klu – filha do rei antropófago, vem para o país de Mateusinho, Korczak, mais uma vez, trabalha as questões de preconceito que figuravam na Europa da época. Sua presença quebra vários paradigmas: sendo ela selvagem, soube aprender e comportar-se melhor que muitas crianças; seus conhecimentos passados de geração em geração eram, em muitos momentos, superiores aos dos adultos e ela mostra que as crianças com orientação e liderança alcançam muito mais objetivos. Pode-se perceber suas qualidades quando organiza as mil crianças negras enviadas por Bum Drum para aprender no país de Mateusinho:

E Klu-Klu começou, não por brincadeira o trabalho. Alinhou todas as crianças no parque. Essas, que ela conhecia e sabia que eram decentes, transformou em centuriões, quer dizer cada uma delas tomava sob sua proteção uma centena de crianças. E essas, por sua vez, escolheram dez decenários. Cada decenário recebia um quarto no palácio de veraneio, e os centuriões pousavam no palácio hibernar do Mateusinho. Klu-Klu disse aos centuriões tudo que se pode fazer na Europa e o que não se deve. Os centuriões imediatamente repetiram as mesmas instruções aos decenários, e esses novamente às suas dezenas.⁴²

A organização proposta pela princesinha africana tem muitas similaridades com os comitês de tutoria que Korczak estabeleceu no orfanato. Este sistema estabelecia uma relação duradoura entre o tutor e o novo interno que, futuramente, seria tutor de uma nova criança, gerando, assim, laços familiares, dando aos órfãos a família que não tinham.

Mateusinho constrói uma linda e verdadeira amizade com Klu-Klu que lhe retribui com sua fidelidade até as últimas consequências. E o jovem rei defende arduamente sua amiga contra os preconceitos que lhe eram dirigidos. Quando é travada a batalha final contra os reis inimigos, é a princesa uma das poucas pessoas que permanecem ao lado do reizinho.

Outro momento que pode ser relacionado com o Lar das Crianças foi a questão das cartas direcionadas ao jovem rei. Quando Mateusinho descobre a quantidade de cartas que lhe são dirigidas e o que os empregados do palácio faziam com elas, ele assume a responsabilidade de respondê-las:

- Senhor presidente de ministros, não posso permitir, que as cartas escritas a mim, sem serem lidas, sejam jogadas no lixo. Porque não posso saber o que é necessário às crianças do meu Estado. Fico a ignorar se o garoto por falta de sapatos não pode frequentar a escola.⁴³

⁴² KORCZAK, 1971, p. 171.

⁴³ Ibid, p. 99.

As cartas eram a forma de correspondência que se utilizava no Lar das Crianças. Escrever para solicitar algo ou um pedido de desculpas, para expressar que tal atitude feriu os sentimentos de outra criança ajudavam na construção da alteridade, bem como da responsabilidade e honestidade.

Entretanto, as principais reformas que Mateusinho idealizava para seu país ainda não haviam sido colocadas em prática:

Mateusinho resolveu que seus ministros governariam os adultos e ele as crianças. Mais que isso, decidiu organizar dois parlamentos em seu reino, um adulto e outro infantil. (...) A criação de dois parlamentos objetivava que as crianças pudessem participar da tomada de decisões de seu país.⁴⁴

Ao assegurar a igualdade entre as crianças e os adultos, o jovem rei cria oportunidades para os infantes exercerem seus direitos e deveres, podendo refletir e opinar. Além do parlamento, os pequenos poderiam manifestar-se também pelo jornal infantil que iniciou sua circulação.

Nas reformas de Mateusinho estão presentes dispositivos pedagógicos: o jornal e o parlamento. O modelo de autogestão implantado se faz presente na literatura, talvez numa tentativa de que outras crianças, além das que moravam na Rua *Krochmalna* pudessem também conhecer e praticar seus direitos de cidadão.

- Sabes, Mateusinho, nós fizemos sempre mal, quando dávamos as reformas aos adultos, tu experimentas com crianças, talvez isso te saia bem...⁴⁵

Entretanto, novamente instala-se um problema: a questão da responsabilidade das pessoas no poder. Janusz Korczak concedeu às crianças o direito de falar por conta própria, mas ao mesmo tempo lhes ensinou responsabilidade, independência, tolerância e parceria. No romance infantil, o autor prevê que não basta apenas dar a independência sem antes ensinar como usá-la com responsabilidade. Como nesta fala de Mateusinho:

- Todas as crianças dormem tranquilamente, e eu, o único que velo e devo escrever cartas à noite, para que não haja guerra, para, tranquilamente, terminar as casas de campo, para que as crianças possam no verão sair. Cada criança pensa somente sobre suas tarefas escolares e seus brinquedos, e eu não disponho de tempo, até mesmo para estudar ou brincar, pois devo pensar em todas as crianças do meu país.⁴⁶

⁴⁴ MARANGON, 2007, p. 136.

⁴⁵ KORCZAK, 1971, p. 78

⁴⁶ Ibid, p. 108.

Porém, quando as crianças no parlamento não conseguem organizar-se com a responsabilidade necessária,

A tentativa de Mateusinho pela igualdade de direitos entre adultos e crianças começava a se frustrar. As crianças não foram capazes de participar das discussões para a tomada de decisões de forma coerente, buscando acordar, com os adultos, a política nacional. Ao contrário, sentiam-se injustiçadas por serem obrigadas a frequentar a escola e, com algum esforço, conseguiram impor sua vontade. Trocaram de lugar com os adultos. Como consequência, a cidade parou. Nada funcionava adequadamente; bens públicos começaram a ser estragados, a segurança não existia mais, as fábricas pararam, pois, as crianças não sabiam trabalhar, não conheciam os ofícios aos quais se dispuseram desenvolver.⁴⁷

Ainda assim, suas ações inovadoras chamam a atenção dos outros reis que invejam suas atitudes e temem perder sua autoridade caso as pessoas de outros países, principalmente as mais jovens queiram seguir seu exemplo.

Essa inversão de papéis - crianças no lugar de adultos - não foi ideia de Mateusinho, mas sugestionada aos jovens parlamentares pelo repórter que, na verdade, era um espião enviado pelos reinos inimigos e que aproveitou-se da inocência e desejo de fama e poder de Felix, para pôr em prática seus planos de destruir e desacreditar o reizinho.

Enquanto nas cidades a desordem era generalizada por conta das novas leis impostas pelo parlamento infantil, Mateusinho havia se afastado para recuperar sua saúde. Estando fora, recebe falsas notícias de que tudo vai bem pois o repórter espião manipula a imprensa. Porém, quando retorna ao palácio, as boas-vindas não foram as mais agradáveis: havia passeatas de operários que reclamavam por não ter mais trabalho; e o retorno das atividades do parlamento infantil trouxe ainda mais desordem deixando pesaroso seu coração.

O jovem rei se vê mais uma vez envolvido em mentiras criadas por adultos. Até mesmo sua inocente ideia de criar uma bandeira verde para unir todas as crianças do mundo é usada de forma perniciosa, sendo divulgado como se Mateusinho desejasse provocar uma revolução internacional e ser o rei de todas as crianças do mundo.

E quando se dá conta, não consegue mais retomar as rédeas da situação e os reinos vizinhos, aproveitando-se do momento, declaram-lhe guerra novamente. Com a cidade em estado de caos, sem reservas de comida ou munição, sem estradas e sem dinheiro, nem mesmo

⁴⁷ MARANGON, 2007, p. 138.

a valentia de Mateusinho e sua coragem foram suficientes para contagiar a todos e ele foi traído por parte da população, sendo derrotado.

Korczak apresenta neste romance um menino órfão que, desde pequeno, precisou aprender a não depender de outras pessoas, a ter que tomar decisões importantes que refletiriam em toda uma nação. Mateusinho torna-se forte, responsável pelos seus atos. É Mateusinho que amadurece e entende que há diferenças entre o que é importante para os adultos e para as crianças.

O dia foi lindo. O sol brilhava. Todos saíram na rua, para que pela última vez pudessem olhar para o seu rei. Muitos tinham as lágrimas nos olhos. Mas Mateusinho não via essas lágrimas. Ser-lhes-ia mais fácil ir ao lugar do castigo. (...)

Mateusinho levantou a cabeça ao alto, para que todos vissem que tem os olhos secos, somente contraiu as sobrancelhas. E olha para o céu, para o sol. Nem ouve, nem vê o que se passa ao redor: As outras perguntas ocupam-lhe a cabeça:

- Que aconteceu com Klu-Klu? Onde está Felix? Por que o rei triste atraiçoou-o? Que acontecerá com o seu país? Se vai ver o pai e a mãe, quando a bala vai privar-lhe a vida?⁴⁸

Ao ser banido para uma ilha deserta ideia que o Rei Triste teve, para evitar a morte de Mateusinho este prevê algo que aconteceria ao doutor – a última batalha mostra um rei traído pelo seu povo, e que nunca deixou de amar sua pátria e defender seus ideais, tal como aconteceu com Korczak no Gueto e em Treblinka. E as crianças do orfanato, em sua última jornada, como forma silenciosa de protesto, carregaram a Bandeira Verde, da Revolução de Mateusinho.

O personagem principal deste romance infantil e seu autor têm muitas coisas em comum: ambos sonhavam com um mundo melhor para as crianças. Lutaram pelos direitos dos pequenos. Mostraram para outros infantes que suas idealizações e sonhos não precisam esperar para serem realizados: podem começar enquanto ainda são pequenos. Korczak deixa claro que:

(...) não compreende a criança como um ser que virá a ser alguma coisa: ela já o é, no presente. (...) Aliás, é essa dimensão de amor e respeito pela criança que nos parece evidente em seus escritos. Korczak não amava a criança como um ser puro e bondoso. Ao contrário, ele reconhecia sua maldade, seu desejo de vingança, sua tristeza, alegria, raiva, ódio, mágoa, enfim. A criança não era, para Korczak, um sinônimo de pureza, bondade e honestidade. Ela era um ser humano como qualquer outro, tendo, por isso, desejos, vontades, sonhos, amores, ódios, mágoas, frustrações etc. Essa dimensão humana do amar a criança referia-se, portanto, a respeitá-la enquanto ser, em não se sobrepor a ela por ser maior, mais forte, mais velho; referia-se a limitar a ação do educador mediante o direito que a criança possuía de ser ouvida, de ter sua

⁴⁸ KORCZAK, 1971, p. 203-204.

vontade e necessidades respeitadas e não massacradas pela simples satisfação adulta.⁴⁹

O autor observa, também, que os adultos muitas vezes esquecem que eram crianças eles mesmos. Por isso ele pontua que não compreenderão a ironia e a crítica a este mundo feito, pensado e mandado pelos adultos nas singelas linhas deste romance infantil. E, por ter essa consciência, é que ele escreve, no início do livro:

Aos adultos nada se pode proibir, porque não vão obedecer – e o que alguém pode fazer-lhes?⁵⁰

Concluindo:

Ninguém conheceu melhor a alma, os sentimentos e as necessidades das crianças como Janusz Korczak. Quando todos ainda acreditavam que a infância era apenas uma preparação para uma vida futura, ele se esforçava para mostrar o quanto este período é importante para o desenvolvimento que irá desabrochar na idade adulta.

Se dividíssemos a humanidade em crianças e adultos, e a vida em dois períodos, o da infância e o da maturidade, perceberíamos que a criança ocupa um lugar enorme no mundo e na vida.⁵¹

Num período marcado pelas ideias baseadas no “darwinismo social”⁵², seria difícil não encontrar nos textos de Janusz Korczak a busca pelo fim do preconceito, tendo ele próprio sofrido, desde sua infância, por ser de origem judaica.

Um dia um nacionalista me fez esta observação:
- Um judeu bom patriota é, no melhor dos casos, um bom varsoviano ou um bom cracoviano, mas nunca um bom polonês.⁵³

Em *Rei Mateusinho* podemos perceber que seu interesse não gira apenas sobre a criança, mas, principalmente, sobre a alteridade. Era preciso alertar ao mundo sobre o que acontecia com as minorias. E com os menores.

⁴⁹ MARANGON, 2007, p. 110-111.

⁵⁰ Ibid, p. 07.

⁵¹ KORCZAK, 1983, p. 96.

⁵² CAMPOY, 2020, p.81-82.

⁵³ KORCZAK, 1986, p. 32-33.

Ao apresentar às crianças a história de um reizinho órfão, como muitas eram naquele momento, o Bom Doutor reflete, além da relação entre adultos e crianças a questão do preconceito seja ele por originado por raça, credo ou cultura. Como se pode perceber nesta fala do Ministro:

- Você sabe o que faz Mateusinho? Mateusinho vai como hóspede do rei dos antropófagos. Entendes? Para os mais selvagens negros de toda a África. Ali não esteve ainda nenhum dos reis brancos. Entendes? Vão comê-lo. Com certeza vão comê-lo.⁵⁴

Quando o romance do Rei Mateusinho apresenta a luta do jovem rei contra os reinos vizinhos, ele não está apenas explicando de alguma forma, como se deu a perda e a reconquista da independência polonesa, mas, também, a importância de se manter uma nação unida por um objetivo comum, independente se forem crianças ou adultos, judeus, protestantes ou católicos.

Ao desejar que a criança tenha o direito de expressar livremente suas ideias e tomar parte ativa no debate, Janusz Korczak transmite seu desejo de ver todas as pessoas, indiferente de sua religiosidade, gênero ou classe social participarem da construção de uma sociedade mais justa. Como ele mesmo pontua:

Apenas porque estamos por demais absorvidos por nossos próprios problemas, não vemos isso, assim como antes também não percebíamos a mulher, o camponês, as classes e povos oprimidos.⁵⁵

Já passaram-se cem anos desde a primeira publicação de Rei Mateusinho e este romance segue encantando as crianças e os adultos pelo mundo. É difícil não amar este reizinho que deseja apenas fazer o bem pelas crianças. Uma criança honrada e poderosa, digna de sua realeza. Um sonhador, como Korczak. Ambos buscavam um mundo diferente, um mundo melhor para as crianças.

Apesar do fim triste de seu autor, obra de Janusz Korczak rendeu frutos. Seu trabalho é considerado como precursor para a Declaração dos Direitos da Criança, marco inicial na luta jurídica pelos direitos infantis, publicada em dezembro de 1959.

Até os dias atuais, muitas homenagens e monumentos são dedicados à sua memória, principalmente, mas não apenas, na Polônia. E, em muitos deles, a figura do Rei Mateusinho se

⁵⁴ Id. 1971, p. 85

⁵⁵ KORCZAK, 1983, p. 96.

faz presente, mostrando o impacto deste romance, onde se busca um mundo em que a criança está em pé de igualdade com o adulto.

E, para aqueles que de alguma forma foram tocados por essa dedicação e entrega gratuita, segue um desejo de, honrando sua trajetória, dar continuidade à sua obra. Quem sabe, talvez seja chegado o momento de levantar a Bandeira Verde de Mateusinho e auxiliar as crianças a assumir seu protagonismo em nossa história.

Referências Bibliográficas

CAMPOY, Leonardo. *Antropologia social*. Curitiba: IESDE, 2020.

GADOTTI, Moacir. Janusz Korczak – Precursor dos direitos da Criança. In: *The Sixth international Janusz Korczak Conference*, 1998, Israel. Disponível em: http://www.ajkb.org.br/site/index.php?p=artigos_ver&id=17#.WG4kWrLxgd8 - Associação Janusz Korczak do Brasil.

KORCZAK, Janusz. *Como amar uma criança*. Tradução de Sylvia Patrícia Nascimento Araujo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Diário do Gueto*. Tradução de Jorge Rochtlitz. São Paulo: Perspectiva S.A., 1986.

_____. *Quando eu voltar a ser criança*. Tradução de Yan Michalski, direção da coleção de Fanny Abramovich. São Paulo: Summus, 1981.

_____. *Rei Mateusinho Primeiro*. Tradução de Dr. Kazimierz de Vautour-Sienkiewicz. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

MARANGON, Ana Carolina Rodrigues. *Janusz Korczak: precursor dos direitos da criança*. São Paulo: UNESP, 2007.

SARUE, Sarita Mucinic. *Janusz Korczak diante do Sionismo*. Dissertação de mestrado apresentada na área de Língua Hebraica, Literatura e Culturas Judaicas, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-31012013-131216/pt-br.php> Download em fevereiro de 2017.

SZLENGEL, Władysław. *A janela para o outro lado*. Organização, tradução e notas por Piotr Kilanowski. Fortaleza: Dybbuk, 2018.

TEZZARI, Mauren Lúcia. Dispositivos Pedagógicos em Janusz Korczak: aprendizagem e construção da autonomia em uma perspectiva pedagógica. In: *IX Anped Sul – 2012: Seminário de pesquisa em educação da Região Sul*. Disponível em: <http://www.ufrs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2165/659> Download em fevereiro de 2017.

